
Alcides Carneiro

**CONCEITO
SINTÉTICO DE
DIREITO**

Coleção Pontes de Azevedo Ribeiro
JOÃO P. SOA — PB

A LANCIA Companhia Editora

**34(043.3)(813.3)
C289c**

1975

E o orador nato, notável pela fluência e pelo colorido. Sua riqueza de imagens nunca decaiu no romantismo porque não é simples retórica, mas uma criação verbal possuída de imprevistos e de visões poéticas.
José Américo de Almeida.

*Vai ficar perpetuada em letras
esta oratória que é um milagre de
pensamento, de sons, de música e
cores, tudo impulsionado por uma
imaginação de fábula, nascida com
toda a força da terra, embalada pelo
ritmo do mar e iluminada pela cinti-
lação dos astros. Ernani Sátiro.*

Ouvir Alcides Carneiro é ficar por ele conquistado.

Nos salões solenes, na praça pública, nas inaugurações, em qualquer ocasião que ele comece a falar o ambiente se transmuda pelo poder mágico de seu verbo.

De seu verbo só, não, dos seus gestos, do timbre inconfundível de sua voz, de sua atitude, do fogo do seu olhar, tudo nele concorre para revelar o orador, o artista raro e inigualável.

Feliz o povo que tem um intérprete do seu porte; feliz ele, também, por ser portador de tão nobre e bela missão: a de nos tornar mais ricos e felizes, ouvindo-o. Ivan Bichara Sobreira.

APRESENTAÇÃO:

Quem ler meditadamente o discurso pronunciado por ALCIDES CARNEIRO no Salão nobre da Faculdade de Direito da Universidade da Paraíba, como paraninfo da turma de bacharéis de 1974, dado à estampa em A UNIÃO de 21 de novembro do mesmo ano, há de chegar à conclusão de que poucas vezes um autorizado intérprete do pensamento jurídico e social contemporâneo conseguiu atinar como ele no conceito atual, fervoroso, autêntico e sublimado do direito. Feliz na abordagem do tema fascinante, cujas dificuldades imanentes, venceu com as armas da experiência vivida à luz duma grande vocação libertária, o orador levantou o perfil do direito no aspecto histórico e germinal, a partir de suas fontes escondidas no mundo greco-latino, e estudou-lhe a marcha, não raro inçada de obstáculos, ao longo das civilizações, até fixar-se como um valor heráldico e permanente, insubstituível, precioso e preclaro, dentro da vida humana. Revelou-se, quase que surpreendendo os docentes e pondo em alvoroço os discípulos em potencial, integrantes da turma de diplomandos, um informado virtuoso da moderna fenomenologia jurídica, um mestre avançadíssimo em suas concepções da filosofia do direito, um profeta revelador dos sinais do tempo, êmulo, afinal, dos medalhões dessa especialidade, como no estrangeiro, George Gurvitch, Hans Kelsen e Francesco Carneluti, e no Brasil o incomparável Miguel Reale.

Oportuna essa ressurreição altisonante e multi-conceitual do direito no momento em que tal matéria, que é essencial e básica para a preservação dos próprios destinos humanos, alicerce da ordem e da segurança contra a dissolvença geral dos interesses aos golpes da indisciplina e do terrorismo organizado, como que estava ficando relegada a um plano secundário, dada a ascendência da tecnocracia ufana, de triunfos em última análise discutíveis, porque só nos conduziram à crise energética, à escassez dos comestíveis e à poluição dos meios ambientais.

Lição de elevadíssimo entono essa que o ilustre padrinho dos novos bacharéis lhes ministrou na peça tribunicia que a seguir vai reproduzida, inclusive as partes improvisadas do início e do final do discurso, durante o qual o orador recebeu aplausos de pé das pessoas presentes.

Osias Gomes

CONCEITO SINTÉTICO
DE DIREITO

Coleção Domingos de Azevedo Ribeiro
JOÃO PESSOA — PB

Governador Ernani Sátiro, meu amigo, amigo velho ou novo, não importa, mas um dos melhores amigos que Deus me deu; e por quem nutro imensa admiração. Admiração tão profunda e tão real que a intimidade não conseguiu diminuir. Tenho entretanto dois motivos: um de elevada inveja, outro de baixo ciúme. Inveja de sua glória literária conquistada com livros admiráveis e ciúme por ter visto V. Exa. governar a Paraíba, que é o mesmo que ter casado com minha noiva.

Senhores professores, caros bacharelados, minhas senhoras, meus senhores, meus conterrâneos.

Ao ouvir as últimas palavras deste futuro jurista e tribuno, Antônio Lima Simões o orador da turma, palavras que tanto me encantaram e comoveram, lembrei-me daquelas famosas palavras do professor Laurindo Leão, da Faculdade de Direito do Recife: "A mocidade é maior do que o Papa, porque o Papa faz Santos, a mocidade faz Deuses".

Não sei qual o motivo de vossa escolha. Chego aqui sem saber e decerto regressarei ignorando-o. Mas posso afirmar que o vosso convite para paraninfar esta turma de bacharéis de 1974 tocou a minha vaidade, a minha sensibilidade.

Convocado, atendi, para satisfazer aos meus jovens conterrâneos, para rever a terra sempre lembrada e para dar e para ter a certeza de que estou vivo, porque duas vezes morri e duas ressuscitei. A morte, vendo que não me intimidava, largou-me. Hoje, fingimos que não nos conhecemos.

Só posso atribuir o motivo da vossa escolha ao sentimento. E o sentimento não se explica, nem dá satisfações por que tem as suas razões que são exatamente aquelas que a razão desconhece.

Para corresponder à vossa generosidade, nem conselhos tenho para dar. Sou apenas juiz, não digo que sou um pobre juiz, porque neste país todos os juizes são muito pobres. Qualquer dia eles substituem a toga pelo hábito de franciscano e, assim disfarçados, pode ser que o imposto de renda não lhes reconheça.

Nem posso dizer que sou um velho juiz. Não, eu sou apenas um juiz velho, que já escolheu um epitáfio precavido contra a posteridade, e que é este: **Foi Juiz, se absolveu por compaixão, não condenou por fraqueza.**

O juiz conquista o hábito de julgar, mas perde o hábito de dar conselhos. Conselhos quem tem para dar são os professores e os advogados e eu, infelizmente, não sou uma coisa nem outra.

Não pude ser médico, que era a minha autêntica vocação. Uma vez bacharel, gostaria de ter sido advogado militante, a mais nobre atividade na carreira do Direito, aquela que tem como padrões indimensíveis **Ruy Barbosa e Epitácio Pessoa.**

E a missão que exige resistência no presente e renúncia pelas preocupações do futuro, porque o advogado é o aventureiro ousado do incerto; à força de garantir os outros, ele se esquece de garantir a si próprio. É o procurador de Deus na terra, para os negócios do Direito, da Justiça e da Liberdade, por isso os seus caminhos são sempre ásperos, ásperos demais para quem representa o broquel dos inocentes, a santa conceição dos oprimidos.

Minha intenção não é desanimar-vos, a vós que sereis advogados. Desanimar um jovem, é enterrar um vivo. E se não há ressurreição para aquele que o desânimo matou, não há perdão para quem matou enganos e desfloreou ilusões.

Jovens! Livrai-vos da fraqueza e do medo Deus vos livrará. Deus, que antes de tudo fez o medo, protege o medroso, mas não protege o fraco. Uma coisa é o medo, outra, a fraqueza. O medo pressupõe um perigo real; a

fraqueza, uma ameaça imaginária. E vós tendes a obrigação de ser fortes porque sois paraibanos!

Na vossa trajetória na vida, não permitais que leis mal feitas dividam a humanidade entre monstros e santos. Se assim não é no céu, que assim não seja na terra.

Na casa do meu Pai há muitas moradas. E neste mundo atribulado, não há virtudes irrepreensíveis nem misérias irremediáveis.

Os médicos tratam dos leprosos, os sacerdotes lhes dão absolvição. Existe a comiseração para os monstros e, para os santos, a glória dos altares. Os monstros não sabem que são monstros e os santos sabem que se erguem e caminham sobre ombros de pecadores, às vezes, nem são tão pecadores os que carregam nem tão inocentes os carregados.

Difícil demais é a vossa missão. A de distinguir entre tantos e não distinguir nenhum. A de salvar a todos perdendo às vezes aqueles que merecem salvar-se. Deus vos acompanhe na vossa penosa jornada. Este voto parece um fim de discurso, mas infelizmente não é.

Na Paraíba, atribuíram-me fama de verboso, de imaginoso, mas não de objetivo. Deve ser verdade, mas uma verdade que não convém na minha biografia. Por isso escrevi o meu discurso protocolar, fruto da minha convicção, da minha vivência.

A Paraíba sempre me ouviu sem óculos. Agora, humildemente, coloco os óculos. Meus afilhados conhecerão o valor deste objeto daqui a vinte anos. E o presente de aniversário que a natureza nos dá quando completamos os quarenta. A princípio usamos acanhados, encabulados por vaidade, depois vem o desembaraço, por força da necessidade e, então, com o tempo, eles nos ajudam, não só a ver, mas a ouvir e entender melhor. Há somente duas coisas que o homem não pode e nem deve fazer colocando os óculos: Ameaça e galanteio.

Num mundo envelhecido pelos resíduos de conceitos superados, o que nos salva é a esperança de um novo renascimento na ordem dos valores de nossa civilização.

E essa esperança está nos jovens que olham em torno de si e sentem a urgência desse renascimento.

Sob o signo desse amanhecer que desponta entre tanta controvérsia e tanto conflito, a juventude universitária

sustenta a bandeira de suas reivindicações, que não refletem ambições pessoais. Representam, sim, o esforço desinteressado, o sonho de uma reconstrução da sociedade em bases mais justas e humanas.

Esse é o vosso compromisso, esse é o itinerário que escolhestes. E escolhestes porque o Direito é uma vocação de luta, de oposição a tudo que traz o selo do egoísmo desesperado, a ânsia do domínio escravizador, o culto aos prazeres do ócio parasita, as insígnias do ódio que divide e incentiva os horrores da guerra fratricida.

Conquistastes um diploma que vos arma cavalheiros de uma cruzada. Se estais dispostos à aventura não é porque lestes D. Quixote, o símbolo da imaginação em busca de glória na defesa de todos os sofredores. Ainda que Cervantes não vos houvesse gratificado com esse espetáculo sem par da arte criadora, que atravessa os séculos desafiando, advertindo e ensinando, serieis os mesmos jovens desta fase ardente do mundo. Porque não podeis renegar a missão a que estais destinados, numa opção que marca a dignidade e a grandeza de uma causa.

Se procurastes no Direito a seiva com que nutrir uma corrida para a renovação da sociedade, é que nascestes com esse destino - destino do sacrifício que acompanha a luta por ideais tantas vezes incompreendidos, ou nascestes com essa predestinação, que é mais imperiosa que o destino.

A vida do Direito é uma saga. Percorrendo o longo caminho histórico das gerações, o que se depara a nossos olhos é o drama da liberdade, a onda convulsa das ruínas deixadas em seu rastro pelos apetites do poder, em furiosa disputa.

Foi a fase das guerras primitivas, das competições religiosas de mistura com aventura secular de reis e imperadores, que se julgavam emissários da Providência, citando as Escrituras Sagradas.

Passada essa fase, com a ascensão do pensamento político guiado pelos geniais escritores dos séculos XVI a XVIII, as inspirações do Direito Natural colocaram o Homem em face do Estado, em outro nível. As Revoluções Francesa e Americana, em grande parte, sem o saberem ou mesmo sem se aperceberem disso, renderam homenagem ao humanismo cristão no reconhecimento

dos direitos fundamentais, anteriores e superiores ao próprio Estado.

Esses dois episódios culminantes na História do Ocidente abriram ao mundo uma perspectiva de ressurgimento para o Direito Público, quando as Colônias Inglesas da América e a França revolucionária se comprometeram, em textos solenes, a respeitar os princípios da Liberdade e da Igualdade, muito embora o espírito da classe vencedora nessas revoluções tenha adotado concepções contrárias às autênticas afirmações daqueles princípios.

E que o direito de propriedade afirmou-se enfaticamente no espírito da elite que dominou aquelas Revoluções, esquecidas então de que a propriedade exerce uma função eminentemente social.

Com a Revolução Industrial, o problema das desigualdades econômicas, o martírio dos trabalhadores, inclusive das mulheres e menores nas fábricas, geraram tremendas contradições.

A condição escrava do trabalho impôs a urgência de leis que fixassem limites ao poder dos patrões, e o Direito Social começou a sua ascensão.

O Século XIX viu a marcha dos deserdados, ora obtendo alguns sucessos, ora comprimida pelas reações dos que não pretendiam abrir mão de privilégios tradicionais.

A História, entretanto, é conduzida inexoravelmente pelas forças sociais em cujo bojo as aspirações de justiça representam uma componente positiva.

Mais uma vez o Direito procurou dar moldura aos resultados dessa luta. Em todo o Ocidente civilizado abriu-se a rota de uma política social tendo por alvo a cooperação entre as forças do capital e do trabalho. Um novo ramo do Direito se separou do esquema tradicional, para sistematizar as relações entre empregados e empregadores, destacando-se nesse contexto a força do sindicato, como instrumento da defesa coletiva dos trabalhadores.

Tudo isso foi alcançado pelos impulsos que o regime democrático recebeu, saindo do pólo meramente político dentro do qual se estabilizara o Estado individualista, e levando suas normas ao fenômeno social tão rico em sugestões na perspectiva do século atual.

O Brasil, a partir de 1930, apreendeu as transcendências dessa transformação. Hoje, os dirigentes, sensíveis ao avanço de conquistas que dignificam o trabalho e exprimem a necessidade da paz interna pelo reconhecimento das justas aspirações dos assalariados, desdobram seus cuidados no sentido do maior amparo às classes desfavorecidas.

Se do Direito Romano recebemos e aperfeçoamos tantos institutos do direito privado; se da língua de Cícero recebemos a semente donde germinou o idioma de Camões e de Rui Barbosa, que é o nosso idioma - hoje tocado de um colorido tipicamente brasileiro dentro de nossas fronteiras; se certa exaltação de sentimentos exprime um aspecto de nossa ancestralidade, é que existe um laço perceptível em nossa formação sócio-histórica.

Nossa herança cultural nos integra no quadro das comunidades latinas, que vai buscar na civilização greco-romana suas nascentes espirituais.

Não pode o Brasil fugir aos compromissos desse legado, que recebeu as clarificações do Evangelho e se embebeu na doutrina do Direito Natural, de Sócrates a Tomás de Aquino, dos Padres da Igreja aos filósofos espanhóis do Século XVI, estabelecendo um roteiro para as dúvidas do espírito humano.

Desfilaram os sistemas sobre as especulações desses pioneiros da filosofia democrática. O materialismo tentou em vão destruir, no fundo das consciências, o sentimento do sobrenatural, o sentido do divino, cuja influência continua seguindo nossos passos e resistindo ao ceticismo das convicções opostas.

Impregnado dessas influências, o Direito das nações ocidentais ofereceu aos povos a disciplina social adequada a seus anseios.

Se o Direito se divorciasse dessa diretriz, para encampar somente os interesses do Estado intolerante e materialista, teria falhado à sua vocação de instrumento da paz entre indivíduos, grupos e nações.

E vós, que encerrastes o curso de bacharel, sabeis perfeitamente que o Direito não se esgota nos textos das normas legais, ditadas tantas vezes por motivos de conveniência ocasional; sabeis que "Direito não é apenas fato social ou norma, mas, sobretudo, valor".

Fala-se em crise do Direito; mas o Direito, segundo Ripert, só entra em crise quando surgem leis injustas, infiéis aos legítimos interesses da comunidade.

A doutrina política, de essência democrática, mostra que na distribuição das competências traça limites à ação do Estado e ao comportamento dos indivíduos; o princípio soberano é este: a autoridade do Estado é limitada, em princípio, pela área reservada à expressão da personalidade do indivíduo.

Querendo realizar seus fins supremos, a sociedade tem de conseguir conciliar a liberdade com a autoridade, firmando nesse equilíbrio a estabilidade da democracia moderna.

Senhores Bacharelados:

Ireis iniciar nova trajetória, advogados, juizes, membros do Ministério Público, estareis nessas áreas respondendo ao apelo de vossos diplomas. E mesmo que outras atividades venham absorver vossas energias, jamais deveis esquecer os anos desse curso, as lições dos mestres, as páginas de doutrinas lidas com amor, a fim de que mantenhais pela vida afora o perfil de homens integridades da mais bela disciplina da plataforma universitária.

Os médicos curam os males do corpo; os engenheiros preparam as estruturas destinadas à utilização das forças naturais pelo homem.

Os bacharéis estabelecem, no exercício das atividades em que se diferenciam as múltiplas aplicações do diploma conquistado, o melhor rumo para o espírito, pela segurança da liberdade e da justiça.

Fora do perímetro profissional, é na classe de advogados e juristas que vosso esforço pode ser recrutado para outras tarefas - as tarefas de governo e da representação política.

Essa posição pode não ser da preferência de alguns ou de muitos de vós, desencantados com certos aspectos da vida pública, ligados aos defeitos do partidarismo convencional. Todavia, ousa afirmar que a Política, como arte humana de trabalhar pelos outros, Política com "P" maiúsculo, é a mais nobre das atividades porque exprime o aprendizado da escolha. Ela visa a oferecer à sociedade os melhores rumos e indica os que possam conduzi-la a esses rumos.

Exercer esse papel, de intérprete das aspirações comuns, constitui prerrogativa que assinala o autêntico mandatário, quando ele se integra nas responsabilidades de governante ou parlamentar.

Não nos empolgemos em excesso com as ilusões de um ufanismo ou de um messianismo, tão próprio do nosso temperamento.

Nem sempre o texto das Constituições e dos Códigos encontra ressonância integral na realidade cotidiana.

Nem sempre os princípios A PRIORI formulados na teoria do regime são praticados e aceitos como se a República de Platão fosse o cenário risonho de nosso convívio.

Tal contingência segue o destino das criações humanas, o que importa reconhecer que seguimos um aprendizado constante de aperfeiçoamento das instituições, como imperativo de sua sobrevivência.

A Democracia não nasce feita para a sociedade. Esta é que tem de construí-la e reconstruí-la em seus quadros políticos, através de partidos de autêntica legitimidade, pelo sufrágio popular livre e isento de influências corrutoras, para que ela seja o que efetivamente deve ser, isto é, "a soberania da vontade".

Por isso, condenamos o derrotismo dos adversários dos regimes livres, contra os quais se ergue a mais feroz reação de todos os tempos, batida afinal no segundo conflito mundial em 1945.

Se ainda persistem resíduos dessa hostilidade ao sistema democrático, para cujo aperfeiçoamento marchamos com o apoio do Governo atual, é que há saudosistas da força, mas isolados em seus preconceitos, seja aqui, seja noutras plagas onde o sistema representativo ainda se mantém vivo e atuante.

Nossa opção está feita. Todas as revoluções brasileiras se inspiraram no objetivo de implantar ou de restaurar a vida democrática, em nossos estilos de governo.

Desfraldaram uma bandeira sempre aclamada pela Nação consciente de seu futuro.

A sombra dessa bandeira a juventude de hoje, mestres e discípulos, formam a linha dos combatentes pela paz e pela justiça, num mundo dilacerado por competições odiosas.

Fácil é perceber o que custa em sacrifícios essa luta. Estou certo de que não hesitareis nas opções a tomar.

Seguireis o bom caminho, restituindo em dobro à Nação, à sociedade, e a nossos irmãos em crença, o que recebestes na Faculdade e no seio de vossas famílias, à semelhança do servo fiel dos Evangelhos.

A Paraíba está hoje em festa, sentindo na vossa presença uma força de construção positiva, o pensamento generoso da mocidade em marcha para os grandes destinos do país.

Colocando-vos a serviço da Pátria e do Direito, mereceis um prêmio que não tem preço. Será a glória de um heroísmo incruento, no qual o Brasil encontrará a seiva de sua sobrevivência e de sua eternidade.

Terminada a obrigação, permiti-me um instante de devoção, e a minha devoção mais que perfeita é à Paraíba. Devoção, sem altares, nem ícones, filha diletta do sentimento, pura como a pureza da água que brota da rocha viva, eterna como as areias que recebem os eternos beijos do mar.

Já foi dito que as rosas morrem se desfolhando, e nós vivemos como as rosas morrem. Assim, estou vivendo estes instantes revendo minha terra, as suas cores, a polícromia feiticeira que encantou os meus olhos e doirou a minha vida. Sentindo o seu cheiro de mulher, de mãe. Cheiro de terra que o mar não conhece, cheiro de terra que só conhece o mar. E a rosa, que já foi rosa, batida por todos os ventos, castigada por tantos sóis, embranquecida por tantos luars, volta aos jardins nativos para deixar cair suas últimas pétalas. E uma volta que não espera por outras, e traz na alegria dos abraços a tristeza dos adeuses.

Venho pedir-te, ó terra, a tua bênção, e trazer-te a minha bênção, fascinado pela tua juventude imortal, pela tua imortal beleza.

Vejo com angústia o meu ocaso, menos pelo desgosto de envelhecer, que pela máguia de perder a visão sedutora dos teus crepúsculos, a visão mágica dos teus horizontes. Mas, se assim tem de ser, se é tão curta a vida para tão longo amor, recebe, recolhe, mãe estremeçada, os beijos e os amplexos do filho que nunca se despegou pelo coração da barra de tua saia de rendas. Dá as minhas lembranças

e minhas saudades ao Cabo Branco e à Serra da Borbo-
rema, os dois marcos maiores da tua grandeza e da tua
eternidade.

E vós, paraibanos, irmãos pelo berço, pela crença e
pelo ideal, recebei o amplexo fraterno do mano velho,
que sempre morou longe, mas nunca deixou de estar
perto de vós, solidário nas dores e nas alegrias, nos entu-
siasmos e nos desesperos, nas agonias e nas ressurreições!

Tudo por amor a um pedaço de terra pequenino, maior
do que a terra, maior que o mundo, maior do que o Céu,
menor que DEUS - a PARAIBA!